

# RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA: REENCANTAMENTO DO MUNDO\*

## *Catholic Charismatic Renovation: re-enchantment of the world*

Vera Irene Jurkevics\*\*

### RESUMO

Este texto reflete um segmento da pesquisa de nossa Tese de Doutorado e, objetiva analisar algumas das mudanças ocorridas na Igreja, com base nas diretrizes estabelecidas pelo Concílio Vaticano II (1962-1965). Algumas delas, como as Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação promoveram o catolicismo à condição de principal interlocutor das mudanças sociais e políticas, enquanto outras, como a Renovação Carismática Católica (RCC), privilegiada neste artigo, buscaram recuperar a importância do indivíduo, revalorizaram os sacramentos rituais, a oração, destacando uma vivência religiosa fortemente marcada pela expansão das emoções, da cura, dos milagres e dos efeitos mágicos dos dons do Espírito Santo.

*Palavras-chave:* catolicismo, Renovação Carismática, Espírito Santo.

### ABSTRACT

This text reflects part of the research of our Doctorate Theses and aims to analyze some of the changes occurred in the Church, based on the directives established by the II Vatican Council (1962-1965). Some of them, such as the Ecclesiastic Communities of Base and the Theology of Liberation promoted the Catholicism to the condition of main interlocutor of the social and political changes, whereas others, such as Catholic Charismatic Renovation (RCC), privileged in this article, sought for getting back the individual importance, revalued the ritual sacraments, the prayer, emphasizing a religious experiencing strongly characterized by emotions expansion, by healing, by miracles, and by magical effects of the Holy Spirit gifts.

*Key-words:* Catholicism, Charismatic Renovation, Holy Spirit.

\* Pesquisa desenvolvida com apoio da Capes

\*\* Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná.

## *Movimento de reavivamento espiritual*

Nascida em 1967, após um retiro espiritual realizado por um grupo de catedráticos e estudantes da Universidade Duquesne, na Pensilvânia (EUA), a Renovação Carismática Católica, um movimento leigo, logo se consolidou, em justaposição com a hierarquia eclesiástica. Praticamente todos os participantes daquele encontro inicial já haviam tido, em diferentes situações, algum contato com outros grupos religiosos, especialmente os pentecostais, e expressavam o desejo de

experimentar a transformação que o Espírito Santo podia operar nas pessoas. Sentiam que o aprofundamento na vida espiritual não podia resultar simplesmente da ação humana, o que sempre deixaria cada um sentir-se como órfão invadido pelo vazio e pelo desânimo. (PRANDI, 1997. p. 33)

Segundo relatos, enquanto rezavam, teria ocorrido um verdadeiro Pentecoste<sup>1</sup>. Sensibilizados por tal experiência, alguns resolveram intensificar suas práticas religiosas e, para isso, formaram um grupo de oração, tomando de empréstimo a experiência descrita por David Wilkerson que, em *A Cruz e o Punhal*, narra a conversão e o “batismo com o Espírito Santo” de jovens drogados, das periferias de Nova Iorque.

Foram necessários apenas alguns poucos anos para que esse movimento, na vertente católica, se espalhasse entre os norte-americanos, ganhasse visibilidade<sup>2</sup> e fosse levado depois para os demais continentes. Pode-se justificar sua rápida expansão se levarmos em conta que aquele era um momento de efervescência religiosa, em que se destacaram várias modalidades de associações católicas internacionais, como as Equipes de Nossa Senhora, os Encontros de Casais com Cristo, os Cursilhos da Cristandade, o *Opus Dei*, o Neocatecumenato, entre outros.

Assessorado por teólogos como Yves Congar e pelo cardeal León Suenens, o movimento carismático emergente logo conquistou a aprovação do

1 Festa cristã celebrada cinquenta dias depois da Páscoa, em comemoração à descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, reunidos no Cenáculo, por meio de línguas de fogo. Esse episódio é relembrado como Pentecoste, que significa *qüinquagésimo* em grego.

2 Em 1971, foi realizado o I Congresso Nacional dos pentecostais católicos norte-americanos e, no ano seguinte, o encontro já assumia dimensões internacionais, denotando sua rápida expansão em outros países, como Canadá, Austrália, Nova Zelândia, além da América Latina e Europa Ocidental.

Papa Paulo VI, o que garantia, por si só, sua legitimidade, apesar da resistência demonstrada por alguns setores da hierarquia eclesial, especialmente por parte da ala progressista, mais afinada com as Comunidades Eclesiais de Base e com a Teologia da Libertação, voltadas para o compromisso social, e que viam com alguma desconfiança as manifestações corporais efusivas, os cânticos, o culto no Espírito Santo e na Virgem Maria e, sobretudo, a ênfase nos milagres.

Com menos de três anos de existência, essa vertente católica já estreava no Brasil, trazida pelos jesuítas norte-americanos, padre Harold Joseph Rahm e padre Eduardo Dougherty,<sup>3</sup> a partir de seu núcleo de ação na região de Campinas, interior de São Paulo, difundindo-se logo depois por todo o país.

Segundo avaliação de Brenda CARRANZA (2000), em apenas três décadas, esse movimento já estava presente em 90% das dioceses brasileiras e, em termos mundiais, pouco antes da entrada do novo milênio, já teria representatividade em 140 países, contabilizando 40 milhões de adeptos, dos quais 30% só na América Latina.

Ao analisar a realidade eclesial, nesse mesmo espaço de trinta anos, João Batista LIBÂNIO (1999) aponta que a modernidade que se anunciava nos anos 70 era governada em grande parte pela razão científica e técnica, se constituindo sobretudo pela secularidade e, portanto, pela a-religiosidade. De lá para cá, o autor avalia que o fenômeno religioso em curso transcendeu a condição de “religião perdida” para o “religioso por todas as partes”. A religião teria voltado, com força, à cena política no interior das sociedades ocidentais, tornando-se evidente o investimento religioso na mobilização política e cultural por meio de novos movimentos sociais e dos diversos movimentos religiosos, contrariando a idéia de uma modernidade “racionalmente desencantada”.

Constatamos que no final da década de 1990, a mídia brasileira se ocupou, em diversos momentos<sup>4</sup>, deste movimento católico e, ao que tudo indica, sua leitura acerca dos números divulgados apontava para uma verdadeira orquestração no interior da própria Igreja, no sentido de tentar conter o surpreendente avanço neopentecostal: 300% nos últimos trinta anos.

Nascido como “pentecostalismo católico”, esse movimento, aos poucos, passou a ser denominado de Renovação Carismática Católica<sup>5</sup>, fugindo do estigma que marcava os pentecostais, identificação dos “evangélicos que não pertenciam às Igrejas Históricas” (COMUNICADO MENSAL, CNBB, 1993, p. 654).

3 Autores de *Sereis batizados no espírito*, com aprovação da Comissão Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

4 VEJA 02/04/1997; 02/07/1997; 03/09/1997; ISTO É 24/12/1997 e 20/12/2000, entre outros.

5 Doravante grafada RCC.

Para Carranza não se tratava apenas de uma substituição semântica, mas da necessidade de reforçar a identidade católica do movimento, combatendo as associações que o senso comum começou a estabelecer entre eles e os pentecostais evangélicos, pois as orações em louvor, as orações contemplativas e as de cura, muitas vezes seguidas de testemunhos de “graças” recebidas e discursos inflamados, e de cantos emotivos e festivos, diferenciava os carismáticos de outros grupos da Igreja Católica, ao mesmo tempo que os aproximava dos evangélicos. Assim, buscando reforçar sua catolicidade, os carismáticos passaram a valorizar, também, elementos tradicionais do catolicismo, além de enfatizar as práticas sacramentais e a adesão incondicional ao Papa.

Numa primeira fase, a RCC esteve associada às classes médias, conforme apontam os dados analisados por Pedro Ribeiro de Oliveira, que afirmou que “predominam pessoas provenientes dos setores médios da sociedade, sendo que entre os dirigentes encontra-se percentagem significativa de pessoas oriundas de níveis sociais mais altos” (1978, p. 29).

Reginaldo Prandi (1997), anos mais tarde, também identificou esse perfil socioeconômico entre os militantes carismáticos e enfatizou que, naquele período, as camadas populares estavam mais identificadas com as Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação,<sup>6</sup> o que não impediu que, um pouco mais adiante, no processo de ampliação do movimento, os carismáticos buscassem cooptá-los. O autor indica alguns elementos para o sucesso dessa iniciativa: a redemocratização na década de 80, quando a Igreja politizada perdeu espaço para os novos partidos políticos e instituições laicas e, na esfera interna da instituição, predominava uma resistência por parte da ala mais conservadora, materializada em seminários vigiados, teólogos e livros censurados, além da divisão de grandes e progressistas dioceses. Somou-se a isso, afirma Prandi, a capacidade que a RCC demonstrou em incorporar recursos religiosos como a cura, a libertação, os milagres<sup>7</sup>, o êxtase coletivo, externado

6 Naquela ocasião, um segmento da Igreja Católica, segundo Etienne Higuier, mostrou-se como o mais progressivo de toda a América Latina e, neste contexto, as Comunidades Eclesiais de Base teriam se tornado modelo para a Igreja dos países do Terceiro Mundo. No entanto, pouco depois do início do pontificado de João Paulo II, a amistosidade da Igreja com o Papa se alterou, sobretudo depois de seu posicionamento de que “a Igreja não deveria se envolver em questões sociais, em detrimento de sua missão especificamente religiosa” (1984, p. 43).

7 Pedro OLIVEIRA (1983) diferencia o entendimento que a RCC e a Religiosidade Popular fazem dos milagres. Segundo o autor, os carismáticos defendem que os milagres acontecem de forma geral, em muitas situações cotidianas e por isso, nos grupos de oração, quase sempre ocorrem depoimentos de fiéis que desejam testemunhar publicamente suas experiências “milagrosas”. Diferentemente, na Religiosidade Popular se entende que o milagre ocorre por meio de um santo, seu intermediário e representante visível do Divino, aquele que estabelece uma relação de contrato com seu devoto para que os milagres aconteçam.

em discursos emocionados, garantindo conforto e tranqüilidade para os desgastes do cotidiano.

O principal objetivo deste ramo católico, afirmam os militantes, é a renovação interior e, qualquer atuação no campo social deve resultar do amadurecimento interior, portanto de caráter individual. As mudanças na sociedade, segundo CAMPOS JÚNIOR (1995, p. 97), “devem acontecer a partir da transformação na espiritualidade de cada um, depois, no seio familiar e, por fim resultar em alterações de ordem social”. Em essência o pensamento é: primeiro mudar o indivíduo, e então, a sociedade, por força, também mudará.

Nessa perspectiva, o diálogo entre carismáticos e integrantes das Comunidades Eclesiais de Base, pelo menos numa primeira fase, era impensável. No entanto, vencido esse período, Libânio constata que a experiência no Espírito Santo, sob diversas formas, ganhou, gradativamente, mais expressividade, pois

as pessoas buscam, cada vez mais, as celebrações e encontros, embalados pelo clima carismático, pois o sagrado impõe-se por sua força de sedução (...) a força sedutora do sagrado funda-se em experiências religiosas em que o mistério do Outro exerce atração irresistível, envolvente, encantadora, arrancando a pessoa de seu pequeno mundo e impelindo-a a uma união com esse mistério (...) o lado racional da fé cede lugar às vivências emocionais (...) em breve abundará uma literatura teológica de divulgação sobre os milagres, cura interior, batismo no Espírito Santo, carisma e temas semelhantes (...) a liturgia expressa festivamente, emocionalmente, carismaticamente como lugar por excelência da vivência espiritual (...) a sobriedade da liturgia romana sendo substituída pela criatividade carismática. (1999, p. 53-55)

Em sua análise, o autor se diz convencido de que a RCC encarna mais o espírito “do momento”, uma vez que não propaga qualquer pretensão de construir uma nova Igreja, postura que se alinha com as orientações do Papa, que defende que na América Latina é preciso optar por uma Igreja despolitizada, pois “não podemos viver na ilusão de estar servindo a Deus, se diluirmos nossas atividades em um interesse exagerado pelos problemas temporais” (apud LIBÂNIO, 1999, p. 53).

## *A proposta religiosa da RCC*

A RCC apresentou-se como um movimento religioso que se distanciou de outros que a Igreja conheceu no decorrer do último século. Seu núcleo é basicamente laico, apesar de contar com a presença e orientação de padres e religiosos e de sua sede situar-se em Roma<sup>8</sup>. A central latino-americana, denominada Conselho Carismático Católico Latino-Americano (Conclat), sediada em Bogotá, na Colômbia, se encarrega de preparar os encontros bienais dos líderes. Esses encontros, segundo PRANDI (1997) seguem, pelo menos formalmente, as orientações do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam). Em cada país, um conselho nacional se responsabiliza pela definição de projetos e pelo acompanhamento da vida dos grupos de oração – base da vida carismática. Esses grupos se reúnem semanalmente em busca de uma renovação espiritual, numa complementação às práticas sacramentais, fundamentada nos vários tipos de orações e cânticos, considerados como uma forma alternativa de oração, além da leitura da Bíblia e de testemunhos pessoais.

Para o Monsenhor Vicent Walsh, a RCC é:

a renovação do culto, é uma corrente dentro da corrente maior da própria Igreja e, como tal, submete-se à autoridade da Igreja e dos bispos e sacerdotes, que dão assistência pastoral ao rebanho. E esta realidade não é outra senão a que foi dada pelos sacramentos de iniciação cristã. O batismo, desta forma, comunica uma vida nova, uma identidade, expressando a introdução dos ministérios da vida de Deus, pois, na oração de bênção da água batismal, encontra-se o Espírito Santo, como agente deste batismo. Pela confirmação esse mesmo Espírito Santo é dado como princípio ativo desta nova vida. (1982, p. 85)

Em sua análise, o Monsenhor afirma que a RCC constitui-se, para uns, numa efetiva descoberta, pois “antes não tinham realmente tomado consciência da realidade do seu batismo”, enquanto para outros, que já eram fervorosos, “é a descoberta de uma plenitude, ocasião em que se reafirmam compromissos anteriormente assumidos”. Assim, o primeiro efeito é “a descoberta ou redescoberta do próprio Cristo, que é o carisma por excelência e que passa a ser o centro de toda a existência” (p. 63).

8 Um escritório internacional que coordena atividades e conferências, pelo mundo afora.

Nessa trilha, o cardeal Suenens afirma que “nada é muito novo para os católicos, mas, através dos grupos carismáticos, ocorre uma tomada de consciência (...) A Renovação Católica Carismática na Igreja hoje é um retorno à vitalidade das primeiras comunidades cristãs (...) o mesmo Espírito Santo que fez nascer a Igreja, fá-la renascer hoje, como aconteceu ao longo da história” (1975, p. 28).

Em consonância com esse pensamento, o padre Haroldo Rahm defende que as reuniões carismáticas são verdadeiros encontros com o Cristo, ocasião em que se pede a efusão do Espírito Santo, a fim de que a teologia trinitária, expressa no Novo Testamento, ocorra, pois “o Espírito Santo nos revela o Cristo, enquanto Ele revela o Pai” (1982, p. 18).

Essa abordagem ganhou destaque no manual organizado pelo cardeal SUENENS (1976), em conjunto com uma equipe internacional de teólogos e de dirigentes leigos identificados como consultores e colaboradores, respectivamente. O documento explicita como a doutrina católica focaliza a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, enfatizando que

é pelo Espírito Santo que Jesus continua a Sua missão evangelizadora, através de sua Igreja e é por isso que o Espírito é considerado protagonista de toda a missão eclesial (...) inserindo os homens na vida trinitária pelo batismo, conferindo diversos dons e carismas a todos para o bem comum (1994, p. 13-14).

Estas questões sugerem um outro olhar acerca da estrutura carismática da Igreja e, nesse sentido, o cardeal Suenens afirma que o Espírito se faz presente por toda a Igreja, tornando-se visível nos ministérios e que, apesar de o Espírito e seus carismas serem inseparáveis, não são idênticos, pois os carismas são manifestações do Espírito, uma vez que o Espírito e seus dons são partes essenciais da natureza da Igreja. Mais adiante, este teólogo argumenta que

não há no seio da Igreja, qualquer grupo ou movimento que possa reivindicar para si uma espécie de monopólio do Espírito e de seus carismas (...) A pluralidade dos carismas no corpo de Cristo é parte da estrutura da Igreja e, significa que não existe cristão que não tenha algum carisma (1975, p. 18).

Dessa forma, garante, todo cristão é um carismático e tem um ministério a exercer na Igreja e no mundo. Justificando este argumento, completa que os

carismas do Espírito são inumeráveis e que os vínculos de união entre os leigos e a hierarquia é estabelecido pelo Espírito que, sendo único, se manifesta em várias funções.

Vicent Walsh, ao publicar um manual de orientação para líderes carismáticos, logo procura desmistificar os dons carismáticos, afirmando que “não são vozes do céu, são ações de Deus, são poderes que representam um trabalho harmonioso entre o Espírito Santo e as pessoas” (1982, p. 95). E, para que os dirigentes dos grupos de oração estivessem preparados para exercer a liderança, o Monsenhor listou e explicou a essência de cada um dos principais dons: o dom de orar em línguas (glossolalia), que se constitui de uma oração em linguagem não-vernacular que provém do Espírito Santo, ou ainda, uma manifestação de louvor do Espírito Santo dentro de cada um, que se manifesta independente da vontade de quem é agraciado com esse dom;<sup>9</sup> o dom da profecia, uma ação em que alguém proclama uma mensagem que, quase sempre, reafirma verdades já conhecidas, mas que exigem, por sua importância, constante reflexão e debate;<sup>10</sup> o dom de cura, em que a saúde de alguém é restaurada, pela intervenção de Deus, por meio da imposição das mãos de uma pessoa;<sup>11</sup> o dom de milagres, que enfatiza o aspecto da intervenção divina, tanto nos “grandes” milagres, próprios de situações irremediáveis, graves ou sem esperança, quanto nos “pequenos”, que se operam em situações de necessidades comuns ou de dificuldades menores,<sup>12</sup> e o dom da fé, que se constitui na confiança, na

9 Para Selma BAPTISTA (1998), a glossolalia é uma manifestação lingüístico-religiosa na qual o falante/crente, no contexto da oração, é tomado por êxtase, produz uma linguagem emocional, ritmada, silábica, quase melódica, cuja característica fundamental é ser expressiva, e não intelectual. Assentada na expressividade dos sons e gestos, não tem a intenção de ser doutrinária em si, pois não tendo sentido semântico-lingüístico, não instrui. Para o padre Haroldo Rahm, este é um sinal inequívoco da presença do Espírito Santo no fiel, pois “o que se passa é de ordem inteiramente sobrenatural. As relações entre Deus e a pessoa ultrapassa o seu entendimento e a sua capacidade de exprimir, então ela é impelida a dizer coisas que não compreende mas que sabe serem de ‘louvor inspirado’, uma maneira de adorar além de seu próprio entendimento, porque é o Espírito santo que fala” (1982, p. 148).

10 Walsh esclarece que a maior parte das profecias não prediz o futuro e quando isso ocorre, os dirigentes dos grupos de oração devem discernir, pois podem “brotar” das esperanças e do imaginário da pessoa que está profetizando, especialmente as que predizem detalhadamente lugares e épocas. Seu significado mais adequado, portanto, é evangelizar.

11 O poder de cura só se realiza, afirma Walsh por meio de interferência divina e a nenhum “curador”, uma vez que o poder de curar por meios humanos pertence a indivíduos que exercem profissões na área da saúde. Esse poder é popularmente chamado de milagre e o seu reconhecimento pela Igreja só se dá depois de um longo processo eclesialístico, quando são esvaziadas quaisquer possibilidades da cura ter sido alcançada por meios científicos. O autor esclarece, ainda, que toda a Igreja e não só a RCC tem enfatizado o poder de cura, por meio dos ritos de reconciliação e da unção dos enfermos. Assim, crer nesse poder nada traz de novo em si mesmo, mas esse despertar de muitas pessoas para esse poder, isso é inovador.

12 A maior resistência para a aceitação desse dom é a ligação que a maioria dos católicos estabelece entre os milagres e a canonização dos santos.

convicção que leva a uma decisão e a uma firmeza que libera a bênção de Deus<sup>13</sup>.

## *Trajetória e marketing*

O jornal *Folha de S. Paulo* publicou um caderno especial na edição de 26 de dezembro, último domingo de 1999, intitulado *Ano 2000: Busca pela Fé*. Esse encarte trabalhou com a tese de que às vésperas do fim do milênio, o homem procurava novas alternativas de fé para resolver suas questões cotidianas, e as religiões, atentas a essa crescente demanda, passaram a empregar o *marketing* para atrair, ou mesmo, não perder seus fiéis.

“Religião não é mais herança, mas opção”, afirma Reginaldo Prandi, um dos colaboradores desse caderno especial. Para ele, a religião que alguém elege para si, escolhida de uma pluralidade em permanente expansão, não significa que continuará sendo amanhã, pois o religioso é agora um ser pouco fiel, diferente de outros tempos, em que o trânsito para outra religião representava uma ruptura social e cultural, geralmente revelando um drama íntimo e familiar.

As muitas opções religiosas, atualmente disponíveis, intensificam a competição entre elas, este é o discurso de praticamente todos os que colaboraram<sup>14</sup> nessa publicação, e justificam que, por isso, não somente o crente muda de credo, como também as religiões buscam se renovar, visando manter ou amealhar uma clientela anteriormente fora do alcance de sua mensagem. Mas, mais do que isso, Prandi advoga que:

muitas das mudanças contemplam o conjunto das diferentes religiões que se oferecem como alternativas sacrais, o que significa que as religiões mudam para competir melhor com as outras em termos de adesão de fiéis e não em razão de se pôr numa posição axiológica mais compatível com os avanços da sociedade. (p. 4)

13 Quando um ato de fé é assumido, libera o poder de Deus, sob três tipos de fé, diz o autor: a fé dogmática, que crê nas Verdades Divinas; a fé viva, que possibilita a expressão das crenças; e a fé carismática, que se baseia na doutrina, como se fosse um momento, um intervalo de tempo em que a pessoa é ungida pelo Espírito para confiar plenamente no Divino.

14 Ignácio Ramonet, com o artigo “Geopolítica da Fé”; Fernando de Barros e Silva, com “Mágica e diversão no palco da fé”; Marcelo Beraba, com “Filho de Oxalá, católico, e com fé na reencarnação”; Antonio Flávio Pierucci, com “Fim da união Estado-Igreja ampliou oferta de religiões”; Armando Antenore, com “Os deuses estão soltos”; Paulo Daniel Farah, com “Judaísmo busca nova identidade para seus fiéis”, entre outros.

Nesse contexto, encontra-se igualmente a Igreja Católica que precisou adaptar-se às transformações sociais e culturais mais recentes. Segundo Brenda Carranza (2000), respondendo a estas exigências do mercado religioso, a RCC banuiu do catolicismo as preocupações de natureza política, não enfatizou mais as preocupações no terreno da sociedade e os grandes objetivos se voltaram para o alcance de uma libertação interior<sup>15</sup>. E o resultado foi que os grupos de oração repovoaram as igrejas. Em pouco tempo, os primeiros grupos foram ganhando espaço e visibilidade, e essa vertente passou a merecer atenção da mídia eletrônica, sobretudo quando o movimento apresentou uma nova dinâmica, com o surgimento de sacerdotes capazes de transformar a celebração da missa em grandes espetáculos de massa, “com a explosão das emoções orientadas pelo canto, dança e mesmo ginástica,<sup>16</sup> numa coreografia religiosa que dá especial relevo ao gestual (...) a música católica alcançou as paradas de sucesso e o ‘padre-espetáculo’ virou estrela de programas de televisão” (ORO, 1996, p. 108).

Essa prática brasileira não estava desconectada do contexto internacional. A partir do decênio de 1980, as igrejas eletrônicas viram na mídia um espaço privilegiado para a ampliação de suas bases. Nos projetos do Vaticano,<sup>17</sup> naquela ocasião, havia a intenção de recuperar a hegemonia religiosa dos meios de comunicação.

Nesse sentido, Ralph Della Cava esclarece que:

foram os carismáticos os que, por qualquer critério que se possa adotar para medir seu empreendimento, lançaram o mais ambicioso projeto de telecomunicações da história da Igreja. Seu principal objetivo não é apenas o de promover os pontos de vista do próprio movimento, e talvez garantir para si mesmos, como fizeram, séculos atrás, Dominicanos e Jesuítas, um lugar central na configuração do perfil do catolicismo mundial, mas consiste sobretudo em ajudar a devolver tanto ao Papado, quanto ao seu *magisterium*, a preeminência dentro e fora da Igreja (1991, p.88).

15 SUENENS (1975) esclarece que esta libertação se aplica tanto aos males físicos quanto os psíquicos.

16 Clara alusão à Aeróbica do Senhor, criada pelo Padre Marcelo Rossi, do Santuário do Terço Bizantino, em Santo Amaro, na cidade de São Paulo.

17 Entre os quais destacamos o “Evangelização 2000” e o “Lumem 2000” – O primeiro contemplava uma década mundial de evangelização mundial entre os Natais de 1990 e 2000, enquanto o segundo colocava esse empreendimento missionário nos espaços radiofônicos e televisivos ao redor do mundo.

Della Cava, enfatizando a adoção dessa política de atuação moderna, relatou o evento promovido em junho de 1987, por ocasião da abertura do Ano Mariano. João Paulo II, na cerimônia de abertura destas festividades, liderou a recitação dos cinco ministérios do rosário, por meio de uma transmissão, via satélite, que ligou simultaneamente fiéis de todos os continentes, a partir de uma estação central de controle em Londres. Esta programação, “Oração pela Paz Mundial”, como foi anunciada,

inaugurou a experiência “ao vivo” e mobilizou 18 satélites, 30 receptores de sinais, 75 câmeras e mais de mil técnicos. Cerca de dois milhões de católicos em dezessete santuários nacionais marianos – de Fátima e Lourdes, em Portugal e na França, a Guadalupe e Penha, no México e no Brasil, sem falar dos outros na América do Norte, África, Ásia e Europa do Leste – rezaram em dez idiomas.<sup>18</sup> (p. 90)

Para o cenário brasileiro, Carranza aponta que até o início dos anos de 1990, o campo radiodifusivo contava com 181 rádios católicas, embora somente algumas como Rádio América, Rádio Aparecida e a Rádio Difusora tivessem um relativo sucesso na transmissão na programação de cunho religioso, ainda que se restringissem à transmissão de missas e algumas iniciativas de dioceses ou congregações religiosas. O restante, de estrutura frágil e precária, apenas sobrevivia. Nesse contexto, a RCC despontava, no final da mesma década, como âncora nestas emissoras, reproduzindo o mesmo sucesso alcançado no mercado editorial, que logo se aliou ao mundo da imagem e do som. Nesse sentido, a autora garante que a RCC se colocava como resposta à necessidade de a Igreja recuperar seu espaço, frente às outras opções religiosas, algumas das quais, muito antes, já utilizam os recursos televisivos.

A compra da Rede Record pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e a fundação da Rede Vida<sup>19</sup>, são apenas alguns dos exemplos que

18 O autor ainda estima que um bilhão e meio de telespectadores em trinta países assistiram pela televisão o diálogo ao vivo entre o Papa em Roma e os fiéis em suas nações respectivas. No Brasil, esclarece que as instalações da Rede Globo foram postas à disposição dos organizadores internacionais do evento. Porém, como os equipamentos necessários para estabelecer a conexão com o Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida (SP) apresentaram grandes dificuldades de ordem técnica, eles foram transferidos para a Igreja Nossa Senhora da Penha (RJ), em parte, graças as relações pessoais entre o dono da rede de televisão e o Arcebispo D. Eugênio Sales, que liderou os fiéis na oração televisiva.

19 Esta emissora de televisão não é de propriedade da Igreja, mas conta com o apoio de bispos e sacerdotes, especialmente de orientação carismática. Pertence ao grupo Independente de Rádio e TV, sediado em Barretos (SP) e é administrada pelo Instituto Brasileiro de Comunicação Cristã, uma entidade sem fins lucrativos, integrada por leigos e religiosos (ORO, 1996, p. 106).

comprovam a expansão do mercado religioso por meio desse filão das igrejas eletrônicas que utilizam campanhas de grande vulto, sob variadas denominações, como cruzadas, procissões, novenas, entre outros, num clima de criatividade e de eficácia dos elementos simbólicos: cura, segurança e prosperidade.

A XXXV Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, realizada em 1997, teve como tema central dos debates a questão “A Igreja e a comunicação rumo ao novo milênio”, ocasião em que se discutiu o protagonismo dos leigos no campo da comunicação, a formação dos comunicadores, o consenso a favor de se investir na expansão de seus próprios meios de comunicação com ajuda internacional, o que reduziria, ou mesmo eliminaria, a dependência de favores e conjunturas políticas para a veiculação de seus programas, reforçando, desta forma, sua autonomia.

A posição que prevaleceu, ao final desse encontro, foi a que advogava que os empreendimentos no ramo das telecomunicações fossem geridos por leigos – o braço secular da Igreja. Estes, de acordo com Carranza, “imbuídos dos princípios cristãos, estenderiam a ideologia da Igreja através de suas próprias empresas privadas de comunicação de massa. Mas isso aconteceria dentro de um espírito de colaboração, colocando-se à disposição da CNBB para transmitirem sua mensagem” (2000, p. 245).

De lá para cá tem aumentado muito a presença dos divulgadores da RCC em programas das grandes redes de rádio e televisão, especialmente a do padre Marcelo Rossi, de São Paulo, considerado por Carranza como o pregador oficial do movimento, e do Padre Zeca, o padre “surfista”, do Rio de Janeiro. No entanto, vale lembrar que apesar dessas inovações e, sobretudo, desse clima de inovação e modernidade, a RCC não veicula uma nova subjetividade, como alteração de valores e comportamentos. Antes, propõe uma forma nova de relacionamento com os fiéis, mas não um novo conteúdo.

Pensar hoje a RCC apenas como um punhado de grupos de oração, como quando de seu início, é no mínimo desconsiderar sua capacidade de aglutinar os fiéis e sua eficácia no trato com os meios de comunicação. A visibilidade que os carismáticos católicos alcançaram, de forma acentuada nos últimos anos, reflete o alcance de sua imagem por meio da radiodifusão, da televisão, do mercado editorial e fonográfico e, mais recentemente, com a empresa cinematográfica.<sup>20</sup> Em suma, a Igreja, na atualidade, expressivamente representada pela RCC, tem reconquistado espaços e fiéis em migração,

<sup>20</sup> Em outubro deste ano estreou, em circuito nacional, *Maria, mãe do filho de Deus*, estrelado pelo Padre Marcelo Rossi. No filme, como sugere o título, o personagem de Maria ganhou destaque, numa demonstração clara da força do culto mariano no interior da Igreja e, sobretudo, na RCC.

revitalizando suas estratégias de atuação, e tem se mostrado capaz de lotar estádios para megaeventos, a ponto de competir “em bilheteria” com grandes certames esportivos.

## Referências

BAPTISTA, S. A historicidade da fé, o discurso profético e a prática pentecostal: elementos para a análise de uma dimensão fugidia. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 28, p. 11- 40, 1998.

CAMPOS JÚNIOR, L. de C. *Pentecostalismo: sentidos da palavra divina*. São Paulo: Ática, 1995.

CARRANZA, B. *Renovação carismática católica: origens, mudanças e tendências*. Aparecida/ São Paulo: Santuário, 2000.

COMUNICADO MENSAL, CNBB, 05 jun. 1993, p. 654-655.

DELLA CAVA, R.; MONTEIRO, P....*E o verbo se faz imagem: igreja católica e os meios de comunicação no Brasil, 1962-1989*. Petrópolis: Vozes, 1991.

DOCUMENTOS DA CNBB: *Orientações pastorais sobre a renovação carismática católica*, n. 53, São Paulo: Paulinas, 1994.

FOLHA DE SÃO PAULO, Caderno Especial, 26 dez. 1999.

HIGUET, E. O misticismo na experiência católica. *Religiosidade popular e misticismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984.

JOHNS, C. B. Cura e Libertação: perspectiva pentecostal. *Concilium*. Petrópolis, v. 54, n. 265, jul. set. 1996, p. 429- 443.

LIBÂNIO, J. B. *Cenários da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1999.

OLIVEIRA, P. A. R. de (Org.). *Renovação carismática católica: uma análise sociológica e interpretações teológicas*. Petrópolis: Vozes, 1978.

\_\_\_\_\_. *Expressões Religiosas Populares e Liturgia*. REB, Petrópolis, v. 43, n. 172, dez. 1983.

ORO, A. P. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PRANDI, R. *Um sopro do espírito*. São Paulo: Edusp/ Fapesp, 1997.

RAHM, H.; DOUGHEITY, E. *Sereis batizados no espírito santo*. São Paulo: Loyola, 1972.

RAHM, H. *Relaxe e viva feliz*. São Paulo: Loyola, 1982.

SUENENS, *O espírito santo, nossa esperança*. São Paulo: Paulinas, 1975.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Orientações teológicas e pastorais da renovação carismática Católica*. São Paulo: Loyola, 1976.

WALSH, V. *Conduzi o meu povo: manual para líderes carismáticos*. São Paulo: Loyola, 1982.